



FOTOGRAFANDO A VIDA: UMA REFLEXÃO SOBRE O RETRATO EM POEMA DE CECÍLIA MEIRELES

Claudenice da Silva Souza¹

Livramento Fernanda de Lima Araújo²

José Hélder Pinheiro Alves (orientador)³

¹ Universidade Federal de Campina Grande, clau909silva@gmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande, livfernanda2@gmail.com

³ Universidade Federal de Campina Grande, helder.pinalves@gmail.com

Tudo quanto existe pode ser abordado pela poesia desde que o poeta perscrute-lhe a existência, seja uma pedra, uma flor, um lápis ou o horizonte. O retrato é um dos temas que por diversas vezes encontramos na poesia das mais variadas maneiras, utilizado para louvar o encantamento com o tempo que passa e para eternizar momentos da existência da vida através das fotografias. Por isso, esta comunicação tem como objetivo analisar o poema “Retrato Falante”, de Cecília Meireles procurando observar o modo como o eu lírico lida com a presença do retrato na sala de sua casa. O poema assume um caráter reflexivo sobre a vida e o tempo, através de dois discursos que se cruzam: o do eu lírico e o do retrato. Será proposta uma sequência didática voltada para a discussão de questões que o poema levanta, como a morte, as visitas, o sentido de certas conversas. Partiremos da própria experiência que os leitores têm das fotografias para pensar o lugar dos *retratos* e seu valor simbólico. Tendo em vista a complexidade do tema abordado, a proposta de abordagem poderá ser efetivada com alunos dos últimos anos do ensino fundamental e ensino médio. Fundamentamo-nos em Alves (2007), Cosson (2014) e Freire (2005).

Palavras-chave: Retrato, Poesia e ensino, Cecília Meireles.



Palavras iniciais

O encontro

Eis que descubro um retrato meu, aos 10 anos. Escondo, súbito, o retrato. Sei lá o que estará pensando de mim aquele guri!

Mario Quintana – Caderno H

Sabemos que o ensino requer constantemente reflexões críticas que levem o professor a pensar novas formas de abordar o conteúdo na sala de aula. Com a poesia, não é diferente, principalmente porque parece ser ainda mais difícil quando se trata de fazer o aluno ler poesia e, primordialmente, gostar da mesma. Este não é, portanto, o primeiro trabalho que visa encontrar e sugerir uma maneira de aproximação do aluno leitor em relação ao universo poético. Mas sim um dos muitos que se propõem a deixar uma reflexão e contribuir para a área de discussão na qual está inserido.

Dentre os diversos autores brasileiros que possuem qualidades poéticas imensuráveis, a poesia de Cecília Meireles pode estimular uma espécie de contemplação no leitor atento aos entremeios de sua escrita subjetiva e reflexiva. Em meio a sua vasta produção, nosso trabalho se propõe a analisar o poema “Retrato falante” pertencente ao livro *Vaga Música*, publicado pela primeira vez em 1942. Neste poema, Cecília traz para o universo poético a voz de um eu lírico melancólico e desiludido com as relações entre os seres humanos e a estranha fixação deste por um retrato que tem uma característica peculiar: conversa com ele à noite. Procuramos, então, entender um pouco dos segredos do olhar mútuo e constante de ambos: o eu lírico e o retrato em seus íntimos diálogos.

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: Explanamos primeiro acerca das dificuldades presentes no trabalho com a poesia em sala de aula. Em seguida, tecemos brevemente algumas considerações sobre a fotografia e a sua importância. Após isso, apresentamos uma possível interpretação para o poema “Retrato falante” e as relações presentes entre o eu lírico e o retrato. Partimos, então, para a nossa sugestão didática de abordagem do poema, na qual expomos meios alternativos de se trabalhar com a poesia de modo menos cimentado e mais contemplativo. Por fim, seguem as nossas considerações finais.

2. A ausência de encontro entre o leitor e a poesia

Muito se tem falado sobre os desafios, dificuldades e novos métodos para o ensino de



literatura. São vários os trabalhos e projetos¹ realizados para o aprimoramento dessas questões a fim de desenvolver novas técnicas que possibilitem o melhor aprendizado do aluno. Contudo, a poesia ainda continua a ser um entrave para a sala de aula, pois é visível que pouco se trabalha com a arte poética no âmbito escolar.

É mister dizer que não apenas o alunado tem o que não sabemos se se deve (ou se pode) chamar de dificuldades para entender o texto poético, mas também – e infelizmente – os próprios professores, muitas vezes, desconhecem a melhor forma de trabalhá-lo. Em relação a isso, Alves (2003) diz que à poesia ainda não é atribuído um valor próprio, por ela mesma e que “enquanto não se compreender que a poesia tem um *valor*, que não se trata apenas de um joguinho ingênuo com palavras, ela continuará a ser tratada apenas como um gênero menor e, pior ainda, continuará a ser um dos gêneros literários menos apreciados no espaço escolar” (p. 62, grifo do autor). Inúmeras vezes, os poemas são apresentados de modo inadequado tendo em vista que são utilizados apenas como pretexto para o trabalho com a gramática e a busca de informações superficiais, que não permitem a reflexão sobre a obra poética.

Ela não deve ser um meio para se chegar à compreensão cimentada de determinado conteúdo, pois ela pode funcionar como uma ponte para que os alunos entendam pelo viés subjetivo, criativo e contemplativo um pouco mais sobre o mundo e sobre si mesmos. Para isso, afirma Alves (2016) que não basta o professor possuir um conjunto de métodos para abordar o poema, “se não estiver aberto a mudar sua atitude diante do texto como instrumento de um saber a ser compartilhado e não meramente a ser ensinado” (p. 209). De acordo com o autor, através da vivência com poemas – levando em consideração o modo como eles serão transmitidos aos alunos – pode ocorrer uma maneira significativa de assimilação, pois “o modo como o poeta diz – e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçar as emoções e a sensibilidade do leitor” (ALVES, 2007, p. 22-23). Portanto, uma forma mais ou menos adequada de levar o poema para a sala de aula amplia a percepção dos alunos em relação aos sentimentos percebidos no poema ou que são aflorados a partir dele, pois a emoção é primordial na construção de um leitor de poesia.

Tendo em vista sua importância, Alves (2007) defende que há sequelas para os alunos que não chegam a ter contato com inúmeros poemas da nossa tradição literária e que todos nós que estamos envolvidos com o meio educacional precisamos refletir acerca do assunto. O autor destaca

¹ Referimo-nos especificamente a trabalhos acadêmicos como artigos e projetos que visam dar sua contribuição para melhores formas de abordagem da poesia na sala de aula.



ainda que pensar o papel social desse gênero não pode ser medido através de esquemas estanques. “Trata-se de uma **experiência íntima** que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar do nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor” (p. 23, grifo nosso). Dessa forma, percebemos que o modo como o poema é apresentado e, conseqüentemente, abordado influencia diretamente na apreensão dos sentidos que ele guarda na percepção do jogo com as palavras e sons como também das imagens refletidas pela leitura.

3. Um breve *click* na importância da fotografia

Antes de irmos para o trato com o poema de Cecília Meireles, vamos passar rapidamente por algumas significativas características da fotografia, que constitui o tema do “Retrato Falante” para que possamos melhor fundamentar o aspecto tão visado.

De acordo com Susan Sontag (2004 apud QUINTO, 2012), a fotografia surgiu em 1839 e as primeiras máquinas fotográficas datam do início da década de 1840, na França e na Inglaterra. A função da fotografia, aponta a autora, é ser uma ponte entre o mundo e os seres humanos. Sendo assim, ela torna perto o que é distante, informa outras realidades e outros tempos.

Roland Barthes (1984) destaca perfeitamente uma particularidade da fotografia: o fato de ela ser capaz de reproduzir ao infinito aquilo que só ocorreu uma vez apenas, “ela repete **mecanicamente** o que nunca mais poderá repetir-se **existencialmente**” (p. 15 apud QUINTO, 2012, p. 74, grifo nosso). Podemos deduzir, então, que essa característica da fotografia soa como objeto de poder do ser humano, já que a partir dele, ele pode rever e fazer existir – ainda que mecanicamente – algo que não mais pode voltar a acontecer no plano da realidade concreta. A vida é irrepetível e também inimitável.

Partindo dessas breves observações, vemos que a fotografia é importante na medida em que é capaz de tornar palpável, a partir do impresso, momentos, situações, realidades e pessoas que, caso contrário, se perderiam no tempo em que ocorreram. Como citamos acima, a fotografia é uma espécie de ponte entre os seres humanos e o mundo, porque permite ao homem uma aproximação daquilo que é distante no tempo e também no espaço. Tendo em vista a importância da foto para as pessoas, nossa escolha caminha para uma reflexão do papel do retrato dentro do poema “Retrato Falante”, de Cecília Meireles, que veremos a seguir.



4. O eu lírico e o retrato falante na parede da sala: olhares que se correspondem

A poesia de Cecília Meireles está situada, de acordo com Freire (2005), entre o modernismo e a herança da tradição romântica. Para a autora, sua poesia põe em destaque as contradições e problemas do homem da modernidade não se esquecendo, porém, dos metros tradicionais sendo, por isso, uma das maiores expressões da poesia brasileira do século XX.

A autora, destacando pontos primordiais da poesia lírica, explica que ela traz o real para o âmbito dos sentimentos interiorizando-o, absorvendo-o como experiência subjetiva. Centrando a discussão, Freire (2005, p. 70) destaca que há na lírica de Cecília uma perseguição pelos motivos e recursos líricos do fazer poético “e mostra como esses elementos naturais, em seu estado de excitação destrutiva, existem apenas para refletir esses estados de alma conturbados do poeta”. Veremos a seguir como a preferência pela noite, pela solidão e melancolia configuram a alma reflexiva do eu lírico de “Retrato Falante”. Eis o poema:

Retrato Falante

Não há quem não se espante, quando
mostro o retrato desta sala,
que o dia inteiro está mirando,
e à meia-noite em ponto fala.

Cada um tem sua raridade:
selo, flor, dente de elefante.
Uns têm até felicidade!
Eu tenho o retrato falante.

Minha vida foi sempre cheia
de visitas inesperadas,

a quem eu me conservo alheia,
mas com as horas desperdiçadas.

Chegam, descrevem aventuras,
sonhos, mágoas, absurdas cenas.
Coisas de hoje, antigas, futuras...
(A maioria mente, apenas.)

E eu, fatigada e distraída,
digo sim, digo não – diversas
respostas de gente perdida
no labirinto das conversas.

Ouçõ, esqueço, livro-me – trato
de recompor o meu deserto.
Mas, à meia-noite, o retrato
tem um discurso pronto e certo.

Vejo então por que estranho mundo
andei, ferida e indiferente,
pois tudo fica no sem-fundo
dos seus olhos de eternamente.

Repete palavras esquivas
sublinha, pergunta, responde,
e apresenta, claras e vivas,
as intenções que o mundo esconde.

Na outra noite me disse: “A morte
leva a gente. Mas os retratos
são de natureza mais forte,
além de serem mais exatos.

Quem tiver tentado destruí-los,
por mais que os reduza a pedaços,
encontra os seus olhos tranquilos
mesmo rotos, sobre os seus passos.

Depois que estejas morta, um dia,
tu, que és só desprezo e ternura,
saberás que ainda te vigia
meu olhar, nesta sala escura.

Em cada meia-noite em ponto,
darei o que viste e o que ouviste.
Que eu – mais que tu – conheço e aponto
quem e o quê te deixou tão triste.”



Como podemos ver, trata-se de um poema com doze quadras. Os versos são compostos em octossílabos e obedece ao esquema de rimas alternadas ABAB, que propicia um movimento de retomada dos sons finais dos versos – em ricas unidades sonoras, já que são todas rimas consoantes e classificadas como ricas, porque combinam palavras de classes gramaticais diversas. Há ainda a busca por uma forma clássica em relação à acentuação nas palavras que rimam, pois estas são todas paroxítonas, conhecidas como rimas graves. Vemos então, um esmero atrelado à estrutura do poema, pois, como afirma Freire (2005), Cecília se utiliza de algumas características típicas dos moldes tradicionais do fazer poético e por isso há em sua poesia recursos como assonâncias, aliterações, cadência etc. que harmonizam seus poemas sem recair na mera forma, pois “os versos ordenados com técnica deixam patente a beleza artística” (p. 10) e demonstram a força criadora de Cecília Meireles.

O retrato do qual o eu lírico fala desde o início do poema tem algo diferente, pois deixa perplexo aquele que vislumbra o artefato. Pelo que percebemos, o eu lírico tem uma espécie de hábito de apresentá-lo a quem chega à sua casa provocando admiração e susto. A ele são atribuídas características humanas, a chamada personificação, através da locução verbal *está mirando* – com o verbo principal no presente do indicativo – e do verbo *fala* no mesmo tempo e modo, que demonstram duas ações que ele realiza continuamente.

Mirar indica uma ação de quem perscruta a realidade à sua volta procurando talvez penetrar os segredos das pessoas. *Falar* caminha para a expressividade do retrato. De acordo com Freire (2005, p. 67, grifos nossos), a “habilidade de elaboração estética é uma conquista de Cecília Meireles, que trabalha unindo, de modo harmonioso, **técnica** e **imaginação**. E a maior prova disso é a constância dessa habilidade na sua produção poética”. Em relação aos verbos utilizados na estrofe, o retrato fala quando todos, convencionalmente, estão calados, possivelmente dormindo e mira enquanto acontece o burburinho do dia.

Na segunda estrofe, o eu lírico reflete sobre as coisas que cada um tem e guarda, enquanto uns têm “selo, flor, dente de elefante”, ele tem o retrato falante. Cada um tem algo raro como os elementos citados anteriormente e alguns, diz o eu lírico, “têm até felicidade!”. Esse verso demonstra uma constatação de que a alegria é algo difícil e que poucos a possuem. Nas terceira, quarta e quinta estrofes, o eu lírico conta de forma fatídica sobre as várias visitas que recebe. Visitas das quais mantém certo distanciamento sentimental, conserva-se longe delas, porque os assuntos dos quais falam não lhe interessam e nem lhe acrescentam minimamente. O eu lírico ensimesmado prefere conservar-se em estado de alheamento, embora já não possa recuperar o tempo gasto.



Os verbos no primeiro verso da quarta estrofe estão no presente do indicativo e mostram ações que acontecem no tempo de agora e deixam o eu lírico em estado de tédio. As visitas contam sobre as suas vidas, as aventuras, os sonhos, as mágoas, as cenas absurdas, as coisas de antes, de agora e do que virá, mas a trágica constatação é de que a maioria dessas histórias não é verdadeira. Um dos pontos que marcam a tristeza do eu lírico talvez resida exatamente na ausência de verdade daqueles com quem mantém continuamente diálogos insignificantes. Por isso, nada há que se aproveite nas fatigadas conversações e o eu lírico responde ocasionalmente com respostas vagas e sem muito nexos.

O deserto do eu lírico é reconstruído quando ele esquece e se livra das histórias mentirosas dos que o rodeiam. A metáfora do deserto colocado como sendo a vida vazia e seca dele demonstra bem como em nada fazia diferença tudo que as visitas inesperadas lhe diziam. A conjunção adversativa no terceiro verso da estrofe marca o momento em que o seu deserto é habitado pela presença do retrato, com o “discurso pronto e certo”, diferente do que as pessoas lhe contam constantemente, que é envolto em mentiras.

A sétima estrofe pontua um pensamento mais profundo. O verbo no pretérito perfeito do indicativo, *andei*, representa uma viagem mais subjetiva, introspectiva do eu lírico, pois é graças ao retrato que lhe fala à meia-noite que ela – eu lírico feminino marcado pelo termo *ferida* – rememora os estranhos mundos pelos quais andou, pois não pertence a eles, “fica no sem-fundo/dos seus olhos de eternamente”. Os eternos olhos do retrato dizem-lhe incisivamente sobre a sua condição de vida sem rumo na qual não se chega a lugar algum, o destino do eu lírico. Já os verbos na oitava estrofe, passam a estar novamente no presente do indicativo – *repete*, *sublinha*, *pergunta*, *responde*, *apresenta*, mas dessa vez o eu lírico se refere às ações do retrato e não das visitas. Ao contrário das pessoas, as intenções do retrato são claras e vivas, porque estão impregnadas de veracidade, algo raro, como já citado no início da análise.

Da nona estrofe em diante, o eu lírico cede o lugar para a voz do retrato que lhe fala diretamente. Ele assevera para o eu lírico sua exatidão e imortalidade perante a vida passageira dos seres humanos e diz ainda que mesmo quando se tenta extingui-los, seus olhos permanecerão firmes a fitar tranquilamente. O retrato não mede as palavras para tratar da condição de ser mortal da mulher, não se utiliza de eufemismos, por isso diz que quando ela morrer ele continuará a espreitá-la na sala escura. Dirige-se diretamente a ela através da segunda pessoa do singular para marcar o tom de intimidade entre ambos e a certeza da afirmação para ela que, segundo ele, é “só desprezo e ternura”, definição antitética, porque denota sentimentos bastante diferentes. Ela despreza o mundo



que a cerca – ou talvez o mundo a despreze, mas mantém certo apego e cuidado pelo retrato.

Na última estrofe, o retrato utiliza o verbo no futuro do presente do indicativo para afirmar que dirá o que ela viu e ouviu, demonstrando segurança em relação aos fatos da vida dela, mostrando conhecer completamente os motivos de sua profunda angústia.

Como vemos, o poema de Cecília Meireles traz um eu lírico melancólico e reflexivo que, por sua vez, se assemelha, em inúmeras ocasiões, a nós mesmos com nossos desencontros e insatisfações perante o mundo em que vivemos. Como explana Freire (2005, p. 55, grifo nosso),

há na poesia cecilianiana uma afinidade com as dimensões da psique humana mais **sensíveis e metafísicas que racionais**, daí a **presença de valores**, a exemplo da **sensibilidade, emoção, cultivo dos sentimentos e dos sonhos** na relação com o homem e a natureza, cujos graus de semelhanças e de proximidade podem ser vislumbrados na construção de suas imagens.

De fato, o eu lírico do poema prefere a metafísica ao conversar com um retrato que, para ela, é melhor companhia que as pessoas que vão à sua casa. O modo como ela se refere ao retrato é revestido durante todo o poema de um olhar sensível e intrigante que cultiva os sentimentos. Ela não é atraída pelas conversas banais daqueles que chegam e a inundam com suas histórias. Ela é a imagem do ser humano que não se contenta com a superficialidade da convivência que nada acrescenta e por isso é só.

Temos, no poema, duas facetas humanas claramente demonstradas: a primeira é a do eu lírico em primeira pessoa que se sente à parte de tudo e por isso é um crítico ferrenho da trivialidade das relações; a segunda é representada pelas pessoas que a visitam, mas não contribuem para a sua felicidade e ainda por cima mentem em demasia. Isto é, o ser humano dotado de capacidade crítica dentro do poema não possui uma satisfação pessoal, ou seja, a felicidade; e aqueles que lhe falam inventam, criam, como se isso lhes possibilitasse a ilusão de regozijo. Vale ressaltar que alguns – notemos o pronome indefinido dando a ideia do vago, incerto e diminuto – daqueles que falam a esse eu lírico têm esse sentimento.

Resta-lhe, portanto, o retrato falante com o qual conversa a partir da meia-noite. Ao retrato ela atribui importância e interesse. Com ele dialoga e se dá conta dos diversos lugares físicos ou subjetivos nos quais transitou através também dos mundos alheios que os outros vinham depositar nela, como se ela constituísse um depósito de conversas casuais largadas. Por isso, encontra no retrato aquilo que as pessoas não podiam lhe oferecer, ou seja, o conforto da reciprocidade mútua de



ideias. O retrato a conhece e deixa isso bastante claro no poema. Enquanto os sonhos e as aventuras passam, ele perdura com os mesmos olhos firmes e decididos que lhe roubam continuamente a atenção. O retrato, que consagrou não sabemos qual instante nem quem, é quem corresponde aos seus desejos. Talvez porque esse vazio que o eu lírico sente só possa ser preenchido por si mesmo, com suas ideias e consciência e o retrato seja o reflexo de si mesmo. A eternidade da fotografia vencendo a finitude humana.

5. Uma sugestão para a sala de aula

Finalmente chegou o momento em que pensamos o poema analisado e interpretado anteriormente para a sala de aula. Partimos da ideia de que vale a pena ler e refletir com os alunos sobre as facetas humanas que são intrínsecas à poesia e retomamos a defesa de Alves (2007) de que se o trabalho com o poema for pensado de modo especial – tendo em vista o seu caráter artístico e subjetivo – e, no mínimo, adequado poderá ocorrer um encontro entre leitor e universo poético propiciando a experiência íntima da qual fala o autor.

Faremos uma proposta didática que visa trabalhar o poema “Retrato falante” de Cecília Meireles nas séries finais do ensino fundamental como também em turmas do ensino médio. Para montar a nossa proposta, utilizaremos das reflexões e sugestões de Alves (2016) como também algumas das explicações dadas por Cosson (2014) para a construção de uma sequência básica do letramento literário.

O núcleo da motivação, de acordo com Cosson (2014, 54, grifo nosso), “consiste exatamente **em preparar o aluno para entrar no texto**. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”. Sendo assim, nossa sugestão para a motivação é que o/a professor/a peça com antecedência aos alunos que todos levem para a sala na aula seguinte uma fotografia, que pode ser dele mesmo – em qualquer idade e situação – ou de outra pessoa – amigos, familiares, vizinhos etc. Então, é interessante que o/a professor/a provoque uma discussão acerca do objeto solicitado a qual os alunos devem comentar de quem é a foto, por que a escolheram, como a obtiveram (pegaram do álbum de família, pediram a alguém), em que ano foi tirada e que circunstância (a pessoa da foto está sozinha? Está em que lugar? Uma festa?) e quais os sentimentos e/ou impressões que a foto deixa transparecer. Após esse primeiro contato, o/a professor/a solicita que cada um imagine que pode dialogar com essa foto. O/a professor/a deve instigar o pensamento criativo nos alunos perguntando-lhes qual assunto conversarão, que perguntas serão feitas, quais as



personalidades das pessoas das fotografias etc. Não há problema que a foto seja do próprio aluno, pois ele irá conversar consigo mesmo em uma outra idade – ou não – e adentrar no território literário no qual isso se torna possível. Então, eles devem escrever os diálogos que criaram e, em seguida, apresentá-los para a turma.

A apresentação do poema pode ser feita pelo viés da curiosidade. O/a professor/a pode suscitar o interesse dos alunos dizendo que o poema que será lido tem um eu lírico que fala com um retrato e levantar questões como: será que alguém escreveu um diálogo parecido com o que tem no poema? Será que o retrato é do eu lírico ou é de outra pessoa?

Sugerimos que o primeiro momento de leitura seja realizado por cada aluno silenciosamente. Como defende Alves (2007, p. 78), “o **contato solitário** com o poema em sala de aula (e em casa) tem valor educativo insubstituível. É a hora de, embora nem tão consciente, o aluno assustar-se com determinadas imagens, sonhar com uma descrição, emocionar-se com uma experiência revelada no texto”. Por isso, não podemos subestimar essa etapa solitária, porque esse primeiro encontro com o texto poético, ainda que de modo involuntário, pode levar o aluno a conhecer profundamente aspectos e sentimentos que o poema exala a partir da leitura.

Após a leitura silenciosa, segue-se a leitura oral do poema, que é também essencial, tendo em vista que aspectos, sentimentos, imagens etc. podem ser percebidos a partir da leitura em voz alta por mais de uma pessoa. “A questão da leitura oral liga-se a uma necessidade de acordarmos para a importância da voz. Minha voz, voz do outro são instrumentos que transmitem emoções e percepções as mais diversas” (ALVES, 2016, p. 218), defende o autor. Percebemos, então, que o trabalho com o poema não pode ser feito de qualquer forma haja vista que haveria uma perda de instantes primordiais para o aprendizado dos alunos.

É importante um espaço para a livre discussão sobre as impressões dos alunos. Alves (2016, p. 217-218) sugere que após a leitura silenciosa “os leitores destaquem determinados versos ou trechos mais longos das estrofes que chamaram sua atenção – ou que consideram bonitos, complexos, incompreensíveis, dentre outras possibilidades”, ou seja, a espontaneidade para com as impressões do poema ultrapassam o que muitas vezes é unicamente pedido pelo professor em relação ao que os alunos mais gostaram ou se identificaram. É um incentivo à exposição de dúvidas e colocações acerca da leitura e é um momento que, de acordo com Alves (2007), deveria ser privilegiado em todas as leituras de poemas e concordamos com ele, pois é uma situação na qual cada um pode falar sobre o que achou, o que entendeu – e o que não –, quais imagens e sentimentos foram percebidos ao longo da leitura e assim enriquecer a reflexão a partir da compreensão do outro

discordando e se expressando de maneira espontânea e aberta sem precisar ser avaliados pelo/a professor/a, como destaca o autor.

Após essa etapa, vem o momento externo que é “a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2014, p. 65). É aqui que acontece o letramento literário, que difere da leitura que se faz aleatoriamente fora da escola, pois é necessária a ampliação dos significados que o texto possui. Por isso, o autor defende que esse momento é o da leitura externa, ou seja, o registro da compreensão. Ele complementa afirmando que os modos de registrar aquilo que foi lido são diversos, não é necessário que o professor fique preso a apenas um modo de avaliação, que leva, por diversas vezes, ao desgaste e ao desinteresse.

Como sugestão, propomos a escrita de um comentário que deve ser voltado para as sensações despertadas no interior de cada um a partir dos sentimentos do eu lírico. É um momento em que todos se voltam para as emoções que a trama do poema deixa ver e sentir. Então, é válido que o/a professor/a proponha que os alunos escrevam sobre os sentimentos que o eu lírico mantém em relação aos outros, ao retrato e a si mesmo num sensível desvendar que culmina na descoberta de que a alma humana está posta no poema “Retrato falante”. É importante que se levantem questões como a solidão da modernidade, a banalização das conversas no tocante à importância que se atribui ao outro, a percepção de que o tempo passa e mais outras questões que o poema traz para aqueles que se propõem a lhes perscrutar os sentidos.

Outro modo de registrar concretamente a leitura e a compreensão desse poema pode ser a sugestão de fotografias tiradas pelos alunos que de alguma forma reflitam uma relação subjetiva com aquilo que eles escolheram para fotografar assim como é a relação do eu lírico com o retrato. O/A professor/a pode levar os alunos a pensar a escolha do que irão retratar a partir da busca de imagens que lhes digam algo. Atrelado ao exercício da fotografia pode estar também a escrita de uma frase, um verso, um poema a fim de fazê-los compreender o papel da arte fotográfica e poética para a subjetividade humana dentro do espaço capturado. Espaço esse que podem ecoar para os lugares recônditos de suas almas.

Palavras finais

Diante de tudo que foi discutido neste estudo, vemos o quanto o poema de Cecília Meireles revela a subjetividade e os perturbadores questionamentos da alma humana nas relações com o



outro e com seu interior. Não podemos deixar de mencionar a relevância de uma autora como a supracitada e de sua obra, tendo em vista as impressões que a leitura dela causa em quem a contempla profundamente.

O poema aqui abordado provoca a reflexão sobre temáticas como a solidão, a banalidade das relações interpessoais, a passagem do tempo, a eternidade de algumas coisas como a fotografia, tudo isso nos solilóquios do ser. Portanto, é mister pensar a importância de levar essa poesia para a sala de aula atribuindo-lhe o devido valor através de formas que faça com que os alunado interaja diretamente com a poesia. Por isso, métodos que levem os alunos a se interessar de modo mais aprofundado, ultrapassando os limites da superficialidade do texto e adentrando assim em elementos subjetivos. Há assim a possibilidade de fazer com que eles sintam o poema e percebam que a arte poética é viva porque tem como objeto nós mesmos e o profundo descobrimento do que há em nossas almas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Hélder Pinheiro. Capítulo 4: Abordagem do poema: Roteiro de um Desencontro. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

_____. Estratégias para o ensino de poesia. In: FERNANDES, M. L. O.; ANDRADE, P.; PERRONE, C. A. (org.). **Poesia na Era da Internacionalização dos Saberes: circulação, tradução, ensino e crítica no contexto contemporâneo**. – São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2016.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. — São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. – 2. ed; 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Eunice Rocha. **A TRADIÇÃO ROMÂNTICA NA CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES**. Dissertação – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Viagem & Vaga música**; apresentação Marisa Lajolo. – 1. ed. especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

QUINTO, Maria Cláudia. Capítulo 3: POR TRÁS DAS LENTES, UMA HISTÓRIA: A PERCEPÇÃO DE FOTÓGRAFOS SOBRE AS IMAGENS DA MÍDIA IMPRESSA. In: MONTEIRO, Charles (org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes**. – (Série Mundo Contemporâneo) – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 72-88.